

RADIODIFUSÃO E IDENTIDADE NACIONAL EM TERRAS DE FRONTEIRA

(1937-45)ⁱ

Lindamir Ester Adamczukⁱⁱ - UFSM

A instalação e o funcionamento de emissoras de rádio no Brasil durante o Estado Novo (1937-45) esteve sujeita à influência da política nacionalista implantada no período. O uso governamental do rádio com a finalidade de integração nacional, demonstra bem essa questão.

Tendo por base esse contexto de exaltação da nacionalidade e de consolidação de uma identidade nacional estudamos a atuação de quatro emissoras localizadas em região de fronteira do Rio Grande do Sul para entendermos como veiculavam o nacional e o local, levando-se em consideração a existência de um projeto nacional para o rádio, mas, que apesar desse projeto, ele também se orientava pelo espaço local.

As emissoras cuja programação foi estudada foram a rádio *Pelotense*, de Pelotas, a *Charrua*, de Uruguaiana, a breve experiência radiofônica chamada *Nota Alegre da Cidade*, de Erechim e a *Imembuí*, de Santa Maria.

Identidade Nacional e Local na Programação Radiofônica

Duas visões orientam nossa análise sobre a programação radiofônica: a primeira, de Renato Ortiz sobre os estudos das décadas de 30, 40 e 50 das emissoras de São Paulo especialmente quando o autor se refere às características marcadamente locais e ao padrão regional do veículo bem como na regionalização quanto à exploração comercial dos mercados, contribuindo para que o rádio não apresentasse na época o caráter integrador das indústrias da cultura.ⁱⁱⁱ A segunda, de Sérgio Caparelli, que destaca o surgimento pela primeira vez de um meio de comunicação com uma grande importância para o espaço local, pois era capaz de tratar dos problemas locais ou regionais, mesmo que a programação das

emissoras se baseasse na estrutura de conteúdo da radiodifusão dos grandes centros urbanos.^{iv}

Assim, apesar do surto “ultranacionalista e unificador”^v de Getúlio, o vínculo com o espaço local se manifestou na programação das emissoras de diversas formas. Num plano mais imediato foi principalmente através dos serviços de comunicados e avisos, das apresentações artísticas de amadores, de programas de certos segmentos sociais, como estudantes, políticos, sindicalistas. O local também intensificou sua presença quando as emissoras transformaram-se mais significativamente em empresas e adotaram de forma definitiva a comercialização de espaços publicitários como forma de gerar lucros, abandonando, aos poucos, o modelo associativo.

Sem menosprezar esses elementos do espaço local, atentamos para uma certa ausência de manifestações culturais regionais nas emissoras daquele período. Mesmo em face da política nacionalista de Getúlio não podemos rejeitar a idéia da existência de expressões culturais regionais, até porque foi com o objetivo de incorporá-las e integrá-las ao projeto nacionalista que se construiu uma cultura “nacional”.

Nesse sentido, o que se conhecia como *milongas*, *valsas campeiras*, *fox-trote*, *xote* (*ex-schottisch*), *polca*, *mazurca*,^{vi} representavam a existência de manifestações regionais na música que só foram encontrar espaço na indústria fonográfica décadas mais tarde como algumas das tantas recriações do movimento tradicionalista e com o desenvolvimento de uma indústria cultural no estado. A esse respeito, Arthur de Faria comenta que a síntese de elementos urbanos que resultaram no samba e nas marchinhas soterrariam no desenvolvimento da “nascente indústria cultural brasileira, muitas das nascentes manifestações regionais”.^{vii}

Apesar de encontrarmos menções na programação das emissoras do que se poderia inferir como expressão musical ou artística de caráter regional por meio de termos como as *toadas gaúchas*, as apresentações em estúdio pelos *conjuntos regionais* das próprias emissoras, os raros declamadores de *poesias gauchescas* ou *certos amadores locais*, não existem muitos elementos que comprovassem a presença da música ou de outras formas de

expressão cultural regionais no meio radiofônico, especialmente nas emissoras estudadas. O que fica claro é que elas existiam, assim como em outras regiões e estados do país, como no Nordeste e em São Paulo.^{viii}

Ainda sobre a veiculação musical destacamos a importância das músicas platinas que eram uma característica regional presente na programação das emissoras fronteiriças, muito embora não fossem produzidos no estado. Apesar do repertório ser variado, o que de certa forma faria parecer normal a presença desses gêneros, a proximidade com os países platinos e a audição de suas emissoras no Rio Grande do Sul colaborou para intensificar sua presença na programação das emissoras da fronteira e do resto do estado e, conseqüentemente, desenvolver uma apreciação por esses gêneros. Porém, a veiculação desses ritmos não aconteceria em relação às emissoras do centro do país, pois a exemplo da Rádio Nacional, sua missão era difundir conteúdos de brasilidade.

Assim, mesmo com a precariedade e a improvisação nas transmissões, o rádio foi a primeira forma de veicular ainda que amadora e espontaneamente, através dos cantores do rádio, poetas e humoristas, um pouco dessa cultura regional, mesmo que eles não tenham encontrado espaço inicial para gravar e nem obtido destaque fora de suas cidades de origem. Nesse ponto, a presença de amadores ou artistas locais, foi um aspecto muito significativo da radiodifusão local. Até porque, as emissoras dependiam muito dos “talentos” locais para a sua sobrevivência ainda que eles não cantassem os ritmos locais.

Apesar da existência de um projeto nacional para o rádio, ele não determinava toda a programação. Não era tão simples manter uma emissora no ar diariamente, por isso os programas ligados à realidade local tinham um papel muito importante. É através do rádio que as comunidades começaram a “enxergar-se”, fosse por meio de apresentações artísticas, com a participação de pessoas da comunidade, ou dos serviços de utilidade pública, de debates políticos, da divulgação das atividades da própria comunidade, dos seus problemas e das tentativas de solucioná-los. Em resumo, a comunidade local estava presente no conteúdo da programação radiofônica com todas as suas características e especificidades. É a programação seguindo os padrões regionais dos quais nos falou

Renato Ortiz e tratando dos problemas regionais ou locais, de acordo com a visão de Sérgio Caparelli.

Já em relação à veiculação de conteúdos de caráter nacional foi possível notar com clareza a presença de brasilidade, fosse através de músicas, ou do que se denominava como *canções brasileiras*, *músicas populares* ou *nacionais*, ou pelas apresentações de *radioteatro* e *radionovelas*, de programas de caráter educacional e cívico, da *Hora do Brasil*, da própria missão auto-atribuída por algumas emissoras como a rádio *Charrua* de realizar um *trabalho de nacionalização* na fronteira e até mesmo da apresentação de artistas locais que só queriam cantar as “músicas brasileiras”.

A constatação da presença do conteúdo nacional na programação das emissoras estudadas foi óbvia mesmo se tratando de região de fronteira, onde se poderia supor a existência de um certo distanciamento por parte das emissoras com relação ao modelo político nacionalista implantado e aos destinos do país. Como sabemos, havia a preocupação governamental com os territórios limítrofes no sentido de preservar a unidade e a totalidade da nação. Era como se todos estivessem envolvidos com a construção do futuro do país, inclusive as emissoras radiofônicas da fronteira.

Em relação às músicas veiculadas pelas emissoras, a “música brasileira” era aquela feita “90 por cento no Rio de Janeiro, por cariocas, baianos, mineiros e um que outro paulista ou pernambucano”^{ix}, o que, como constatamos excluía certas expressões locais. Ao mesmo tempo em que esses ritmos eram deixados de lado, os cantores locais estavam interessados em cantar os ritmos nacionais, ou seja, os sambas e marchas.

É neste contexto de consolidação da identidade nacional que determinados valores alcançaram a consolidação como valores “genuinamente nacionais”, pois, através da divulgação mais sistemática pelo rádio começaram a fazer parte da memória coletiva, na medida em que passaram a ser compartilhados pela população. Esse é também um momento fundamental na construção dos chamados mitos de origem, elementos componentes do processo de construção da nação.^x O estabelecimento de mitos de origem,

elementos cujo papel é o de contar a história do surgimento da nação, é necessário para que o indivíduo explique a nação para si próprio e o seu lugar dentro dela.

Como afirma Silveira em relação às mídias da atualidade, mas que acreditamos também poder ser utilizada para o período de desenvolvimento do rádio: “uma forma determinante na atualidade de fixar e difundir a memória ocorre através das *representações midiáticas*”.^{xi} E é para isso que, numa escala inicial o rádio do período colaborou com o projeto nacionalista de Vargas: para a fixação e a divulgação dos heróis, dos símbolos, da origem, da modernização e do desenvolvimento nacional, enfim, para a criação da idéia de coletividade necessária à consolidação da nação.

Quando o projeto nacionalista buscava integrar os territórios mais distantes em torno dessa identidade ele buscava não só levar até eles as noções de brasilidade oriundas do centro, mas também trazê-los até essas noções para fazer esses territórios tomarem parte de comemorações, de símbolos, de expressões culturais que não eram deles. Foi o que aconteceu quando a rádio *Charrua* comemorou o centenário de nascimento do Marechal Floriano Peixoto e o dia de Tiradentes, quando a rádio *Pelotense* organizou concurso de sambas e marchas, quando a *Imembuí* apresentou radioteatro ou quando a *Nota Alegre da Cidade* executou as músicas dos cantores nacionais que faziam sucesso no momento. Através de tudo isso o rádio integrou as comunidades mais distantes a um projeto comum.

Apesar de historicamente a questão regional ser um fator de complicação à consolidação do Estado-nação, de significar atos de insubordinação política como a Revolução Farroupilha, nesse momento, a lealdade rio-grandense e fronteiriça ao Estado-nação não era somente política^{xii}, mas, em certa medida, também cultural, mesmo que se configurasse um caráter híbrido na produção cultural veiculada nas emissoras pela mistura que se verificou entre os gêneros musicais, por exemplo.

Enfim, nesse grande projeto nacionalizador, o rádio fez mais que “expressar artisticamente a realidade” como propunha Rudolf Arnheim, um dos teóricos do rádio da década de 1930. Tornou-se ele próprio um personagem de vários papéis, levando o

nacional até o local, o local até o nacional, integrando-o aos fatos importantes do país, mas também proporcionando ao local um olhar sobre si mesmo.

Considerações

Na proposta do trabalho procuramos verificar a veiculação da identidade local e da identidade nacional na programação radiofônica de quatro emissoras localizadas na região de fronteira do Brasil Meridional.

Em relação à veiculação de conteúdo local constatamos a presença de diversos aspectos do espaço local na programação das emissoras, apesar da pouca presença de ritmos musicais que retratassem a vida dessas comunidades. A partir daí, destacamos duas formas de dar visibilidade à cultura local possibilitadas pelo rádio nessa época: uma é na sua base geográfica, convivendo com o conteúdo nacional e a outra é nacionalmente através da denominação de regional – categoria que os ritmos do Sudeste e do Nordeste já haviam obtido – afirmando-se como uma cultura típica, com características específicas, o que vai começar a acontecer em relação ao que era produzido no Rio Grande do Sul a partir do fim da década de 1940.

Quanto à veiculação de conteúdo de caráter nacional, os resultados apontaram a presença intensa de mensagens com conteúdo nacionalista na região de fronteira, o que confirmou a hipótese de que o rádio contribuiu significativamente para consolidar e difundir o modelo de identidade nacional proposto no período. Assim, apesar da orientação localista das emissoras a cultura nacional estava bastante presente na região de fronteira. O padrão nacional predominou definindo as diretrizes da identidade nacional que estava se consolidando: valorização do ensino na língua portuguesa, difusão da História nacional, estabelecimento de um padrão musical a cargo dos sambas e marchas, homenagem aos heróis e símbolos nacionais, valorização do trabalho como idéia de desenvolvimento e progresso nacional e consolidação da idéia de modernidade. Mesmo não possuindo o caráter integrador das indústrias da cultura na visão de Renato Ortiz, o rádio brasileiro dessa época contribuiu muito para a integração nacional.

Enfim, o esforço de tentarmos verificar manifestações locais e nacionais na programação radiofônica no período do Estado Novo, na região de fronteira serviu para nos mostrar mais que o predomínio do padrão nacional em alguns casos, ou esse padrão nacional convivendo com a orientação local na programação das emissoras. Serviu para refletirmos sobre um contexto cultural com poucos registros, desaparecido da memória, como se não tivesse existido.

ⁱ O artigo sintetiza alguns aspectos do trabalho monográfico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, nível de Especialização, da Universidade Federal de Santa Maria.

ⁱⁱ Autora. Graduada em História e Especialista em História do Brasil – UFSM.

ⁱⁱⁱ ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 53-54

^{iv} CAPARELLI, Sérgio. **Comunicação de massa sem massa**. São Paulo: Summus, 1986. p. 82

^v FARIA, Arthur de. **Um Século de Música no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul/CEEE, [s.d.]. p. 104

^{vi} FARIA, idem, p. 107-113

^{vii} Op. cit. p. 113

^{viii} FARIA, idem, p. 105

^{ix} Op. cit., p. 103

^x Anderson apud HALL, 2003, p. 51. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

^{xi} SILVEIRA, Ada Cristina Machado. Representações midiáticas: reflexão sobre o estatuto representacional das mídias. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado [et al]. **Comunicação Midiática**. Santa Maria: UFSM, 2002. p. 9-32

^{xii} Ada Machado Silveira nos fala que o Rio Grande do Sul manifesta um sistema de lealdade cruzada, na medida em que politicamente é leal ao Estado-nação brasileiro e culturalmente ao mundo platino. Cf. SILVEIRA, Ada Cristina Machado (coord.). **Terras de Fronteira: a variedade das estratégias de comunicação no Brasil Meridional**. FAPERGS - PIBIC/CNPq, 2001. Registro no GEAIC nº 10679.